

Artigos

Mana-Chica do Caboio: a história da dança popular do município de Campos dos Goytacazes – RJ

Mana-Chica do Caboio: the history of the people's dance in the municipality of Campos dos Goytacazes – RJ

Priscilla Gonçalves de Azevedo¹

¹Doutoranda e mestre em Cognição e Linguagem na Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF); Pós-graduação Lato-sensu em Docência no Ensino de Dança pela União Brasileira de Faculdades (UniBF).

✉ prigoncalves78@gmail.com

Palavras-chave:

Mana-Chica do Caboio.
Dança.
Campos dos Goytacazes.

Keywords:

Mana-Chica do Caboio.
Dance.
Campos dos Goytacazes.

Resumo

O presente trabalho tem como principal objetivo formalizar, por meio de autores que relatam sobre as diferentes manifestações culturais, a história da dança campista, bem como a expressão da linguagem corporal da “Mana-Chica do Caboio”. Para o desenvolvimento metodológico utilizaremos como estratégia a revisão de literatura por meio de referenciais teóricos para uma abordagem no conceito de cultura, com a finalidade de promover o registro e a valorização dessa dança como manifestação cultural da região Norte Fluminense, surgida na região do Caboio, no município de Campos dos Goytacazes - RJ. A Mana-Chica do Caboio foi supostamente inventada por uma senhora “dançadeira” e “amiga da folia” que poderia ser uma das “Franciscas”. Para isso, apresentamos sua interface aos seus principais elementos musicais: a viola portuguesa, o chocalho indígena e o pandeiro africano. Nesse sentido, manifestamos por meio da dança e da música, a história de uma determinada época, retratada pela vida do povo do interior, bem como suas características corporais, especialmente representadas por meio da Mana-Chica do Caboio.

Abstract

The main objective of this work is to formalize, through authors who report on the different cultural manifestations, the history of the camper dance, as well as the expression of the body language of “Mana-Chica do Caboio”. For the methodological development we will use as a strategy the literature review through theoretical references for an approach in the concept of culture, with the purpose of promoting the registration and the valorization of this dance as a cultural manifestation of the North Fluminense region, which arose in the Caboio region, in the municipality of Campos dos Goytacazes - RJ. The Mana-Chica do Caboio was supposedly invented by a “dançadeira” and “amiga da folia” lady who could be one of the “Franciscas”. For this, we present its interface to its main musical elements: the portuguese guitar, the indigenous rattle and the african tambourine. In this sense, through dance and music, we manifest the story of a certain time, portrayed by the life of the people of the interior, as well as their bodily characteristics, especially represented through the Mana-Chica do Caboio.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho fundamenta-se originalmente na dissertação da autora, intitulada “A Dança como linguagem corporal e musical e sua interface com o folclore do Norte do estado do Rio de Janeiro: Mana-Chica do Caboio”, apresentada em março de 2019. Notadamente este artigo tem como principal objetivo formalizar a história e o desenvolvimento da manifestação cultural típica da região Norte Fluminense: a “Mana-Chica do Caboio”, surgida na região do Caboio, entre as localidades de Lagoa Feia e Mussurepe, no distrito de Santo Amaro, no município de Campos dos Goytacazes – RJ.

A Mana-Chica do Caboio, a “única dança campista” (CASCUDO, 2012), foi supostamente inventada por uma senhora “dançadeira” e “amiga da folia” que poderia ser uma entre três senhoras, chamada de “Francisca”. Para isso, apresentamos sua interface aos seus principais elementos musicais: a viola portuguesa, o chocalho indígena e o pandeiro africano (LAMEGO FILHO, 1996).

De acordo com Ribeiro (1977), a Mana-Chica do Caboio não é apenas uma dança, é um folguedo seguido de cantos, ou seja, uma festa de caráter popular e tradicional que traz os costumes ou hábitos de um povo. Sua música possui variações. A Mana-chica também se dançava em Santa Rita, na localidade de Lagoa de Cima. Uma variação coreográfica da Mana-Chica é chamada de Mana-Joana, “uma dança típica do município de Campos dos Goytacazes-RJ, considerada uma espécie de quadrilha francesa” (CASCUDO, 2012).

Para o desenvolvimento metodológico utilizamos como estratégia a revisão de literatura por meio de referenciais teóricos para uma abordagem inserida no conceito de cultura, expondo também três principais autores que se referem especificamente sobre a “Mana-Chica do Caboio”, com a finalidade de explicar sua história, promovendo a formalização do registro e a valorização dessa dança como manifestação cultural da região Norte Fluminense, característica e peculiar do município de Campos dos Goytacazes – RJ, surgida na região do Caboio.

A Mana-Chica do Caboio compõe parte do patrimônio histórico cultural e imaterial de Campos dos Goytacazes – RJ pelo COPPAM – Conselho de Preservação do Patrimônio Arquitetônico Municipal. É considerada uma das manifestações de raiz de grande expressão cultural e histórica. Foi reconhecida como patrimônio por meio da resolução nº 001/2011, art. 3º da Lei nº 7.527/2003 (LEI ORGÂNICA DO MUNICÍPIO DE CAMPOS DOS GOYTACAZES, 2014).

2 A HISTÓRIA

Em 2011, a Mana-Chica do Caboio torna-se patrimônio histórico cultural imaterial do município de Campos dos Goytacazes – RJ (LEI ORGÂNICA DO MUNICÍPIO DE CAMPOS DOS GOYTACAZES – RJ, 2014). Sua história e memória são registradas por meio dos livros “A Planície do Solar de da Senzala”, de Alberto Lamego Filho (1996), “Muata Calombo”, de Orávio de Campos Soares (2004) e “Folclore do açúcar” de Joaquim Ribeiro (1977). É denominada a mais popular das danças regionais campistas, tendo sua origem no século XVIII.

Suas primeiras aparições ocorreram por volta de 1780, na localidade do Caboio, localizado na estrada do Cabo de São Thomé, entre a Lagoa Feia e Mussurepe, em torno do distrito de Santo Amaro, espalhando-se por outras localidades próximas, surgindo assim uma manifestação folclórica considerada regional e específica do município de Campos dos Goytacazes – RJ.

A principal hipótese citada por Lamego Filho (1996) era que uma moradora do local (Caboio) seria uma das “Franciscas”, nomeando uma entre três proprietárias de terra, que poderia ser chamada de Mariana

Francisca, Inácia Francisca ou Francisca Maria, uma dessas senhoras seria a famosa inventora da dança, apelidada de Mana-Chica, considerada uma “dançadeira” e “amiga da folia”. Nesse sentido, há uma valorização da figura feminina por meio da dança, pois quem dançava a Mana-Chica era considerada uma mulher que possuía graça e elegância, incluindo as características regionais dos movimentos coreografados. Eliminava-se, assim, uma visão de preconceito, discriminação e estereótipo a mulheres que dançavam.

Referindo-se a Alberto Ribeiro Lamego, Soares (2004, p. 82) conta que a Mana-Chica do Caboio é uma modinha criada entre os canaviais e lagoas da Planície. Sua tradição foi trazida pela oralidade e afirma que essa dança surgiu e foi desenvolvida na baixada campista, especificamente na região do Caboio.

A influência negra predominava entre os batuques africanos. Os costumes eram tupinambás e também tinha a presença da influência musical do fado, um ritmo semelhante aos velhos folguedos portugueses, com uma coreografia caracterizada por meio de palmas e grandes círculos. Na coreografia da Mana-Chica do Caboio há uma grande semelhança com as figuras das danças africanas e da quadrilha, resumindo-se em três ou quatro figuras coreográficas – numa delas, por exemplo, os pares ficam frente a frente (IDEM).

No livro de Joaquim Ribeiro, intitulado “Folclore do Açúcar” (1977), a Mana-Chica é mostrada como “dança e cantos vindos de uma derivação do Fado, uma canção popular portuguesa com característica de lamento”. Para o autor, trata-se de uma fina mistura da quadrilha feita por uma mulher chamada Francisca, proprietária de terra ou não, com grande atuação e requinte, dando o seu próprio nome à “sua” criação.

Para Lamego Filho (1996), sua música tem um ritmo parecido com os versos de cantadores repentistas, por meio de violas portuguesas, chocalhos indígenas e adufe africano (uma espécie de pandeiro quadrado que em seu interior são colocadas sementes ou pequenas soalhas – pequenos objetos de metal – a fim de enriquecer a sonoridade).

Ribeiro (1977), afirma que em determinadas circunstâncias os grupos sociais criavam sua própria cultura. No século XVIII, uma nova roupagem do minueto francês perderia suas características originais e se transformaria em uma espécie de quadrilha frenética refletindo a questão local da época, o sofrimento dos escravos, a dominação dos senhores, a sensualidade feminina e as lembranças de suas origens, tornando-se a Mana-Chica. Os negros criaram a coreografia a partir de movimentos parecidos com os que eles assistiam nas festas dos nobres fazendeiros. Ela é uma releitura dos grandes minuetos franceses.

O autor supracitado menciona que há três hipóteses sobre o nome Mana-Chica, e contesta Lamego Filho (1996). Sua primeira hipótese baseia-se num habitualismo semântico comum a muitos povos. Trata-se de uma metáfora verbal, uma espécie de apelido, com os nomes de danças populares ligados a nomes de animais. No Brasil, o nome “Chico” seria sinônimo de porco, nomeado como Chico de ronda, uma espécie de fandango; Chico puxado, um baile campestre; e a Mana-Chica, um folguedo. Seria o significado por meio da linguagem para a palavra “Chico” em diferentes manifestações culturais. A segunda, acreditava ser o nome de origem negro-africana, em que “Chica” seria conhecido como uma dança “lasciva”, como o lundu, ou fandango dos negros, sendo Chica uma palavra africana que batizava várias danças brasileiras. E a terceira hipótese e, ao nosso ver, mais convincente, seria aquela defendida por Frei Domingos Vieira (1873 *apud* RIBEIRO, 1977) afirma que “Chica” é uma palavra negro-africana e por meio do habitualismo explica “Mana-Chica” como uma dança da região, como um fenômeno de convergência entre este nome e a produção de aguardente, onde “Chica” faria referência à bebida alcoólica, afirmando que os negros que vieram trabalhar na lavoura canavieira de Campos dos Goytacazes

introduziram o vocábulo para designar a coreografia popular. Supõe-se que essa dança surgiu numa região onde a aguardente dominava e a fonte negro-africana, juntamente com o habitualismo, explica a origem do nome Mana-Chica.

Soares (2004) afirma que a primeira hipótese seria a verdadeira história da Mana-Chica. De acordo com o autor, por meio de pesquisas de campo realizadas na baixada campista, confirma-se o texto de Lamego Filho (1996) sobre Francisca ter sido a inventora da dança.

No romance “A enchente”, o autor Tavares Franco (1937), diz que Mana-Chica do Caboio é uma caricatura mal traçada do Vira português. Consiste em uma dança originária lusitana, entretanto os índios e os negros a copiaram à sua maneira, produzindo uma nova identidade cultural de acordo com seus ritmos. O autor cita os termos “asselvajaram” e “embruteceram” para definir a coreografia. Uma dança como “lembrança dos Goytacazes”, quando se refere aos índios que viviam na planície, mas que revivem os costumes dos descendentes. Porém, diz que, ao final da dança, há um “duelo” entre os homens como uma disputa, completando com um drama representado como uma exigência da tradição dos brigões.

“Finaliza, por isso, quase sem exceção, em tragédia, mas uma tragédia gostosa, indispensável mesmo como “chave de ouro” dos folguedos. Daí, porém, não perdura nenhuma malquerença entre os brigões. É a tradição que o exige” (FRANCO, 1937, p. 143-4).

3 A CULTURA POPULAR

Ao falarmos sobre cultura, podemos subdividir o termo em três categorias: cultura de massa, cultura erudita e cultura popular. Nesta pesquisa, iremos apresentar esses conceitos e fornecer uma abordagem particular à cultura popular.

Cultura de massa é todo produto da indústria cultural com objetivo meramente comercial, seguindo a lógica do capitalismo industrial e financeiro, buscando padronizar e homogeneizar os produtos apenas para o consumo, visando lucros. A cultura erudita é, na maioria das vezes, apreciada e contemplada por uma elite social, ressaltada nas artes plásticas, música e literatura. Na música, por exemplo, temos a característica de complexidade na execução musical por meio de alguns nomes como Beethoven e Mozart. A cultura popular é desenvolvida a partir de manifestações criadas e passadas por um grupo de pessoas de geração em geração. A grande maioria das manifestações são transmitidas oralmente, dos mais velhos para os mais novos, por meio das tradições culturais. Surge a partir de um intercâmbio contínuo de pessoas de regiões diferentes e ao mesmo tempo com a necessidade de se enquadrar e se identificar para se incluir numa comunidade. Sua influência principal surge por meio de crenças do povo e é produzida pelo contato direto entre as pessoas, envolvendo gastronomia, vestimentas, religião, dança, música, hábitos e costumes (IKEDA, 2013).

Nesse sentido, a importância desses conhecimentos populares vai além da história, pois são reconhecidos como manifestações culturais desde o século XIX. Mesmo com hábitos e costumes acontecidos antes dessa época serem colhidos e criados, em alguns países da Europa, em meados do século XIX, surge a proposta da criação do termo: folk-lore, na Inglaterra, em 1846, referindo-se ao “saber tradicional do povo” ou à “sabedoria popular”. O autor da proposta, William John Thoms, solicitava na ocasião - apoio para a realização de um levantamento sobre “[...] usos, costumes, cerimônias, crenças, romances, rifões, superstições etc., dos tempos antigos” (DELLA, 1976, p. 15 *apud* IKEDA, 2013, p. 174), que estariam, então, “inteiramente perdidos” e se preocupava com o quanto “se poderia ainda salvar”, diante da modernização.

Os folcloristas fazem muitas tentativas em definir a cultura popular tradicional e tentam mostrar resultados, porém eles nem sempre se apresentam facilmente, por envolverem saberes e fazeres variados. A Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco) é uma referência importante para os países que refletem sobre o termo cultura. Em um documento de 1989, define-se:

A cultura tradicional e popular é o conjunto de criações que emanam de uma comunidade cultural fundada na tradição, expressadas por um grupo ou por indivíduos e que reconhecidamente respondem às expectativas da comunidade enquanto expressão de sua identidade cultural e social; as normas e os valores se transmitem oralmente, por imitação ou de outras maneiras. Suas formas compreendem, entre outras, a língua, a literatura, a música, a dança, os jogos, a mitologia, os ritos, os costumes, o artesanato, a arquitetura e outras artes (IPHAN, 1989, p. 02).

Em 2003, a mesma organização constituiu outro conceito relacionado ao anterior, o de “patrimônio imaterial”, definido como: “[...] as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural” (IPHAN, 2017). São peculiaridades que costumam ser destacadas quando se busca identificar os saberes da cultura popular tradicional.

No final da década de 1980, houve um resgate de interesses pelas manifestações e expressões culturais de tradição oral no Brasil, podendo ser identificadas também como cultura popular, cultura tradicional, cultura popular de tradição oral, cultura de raiz, tradições populares, conhecimentos tradicionais e, ainda, folclore, expressão mais consagrada historicamente. No entanto, essa terminologia tem sido evitada por muitos pesquisadores nos últimos tempos devido ao seu desgaste semântico (IKEDA, 2013).

Os fatos passaram a ser categorizados também como patrimônio imaterial, conforme aparece na Constituição Federal de 1988, que inclui como Patrimônio Cultural Brasileiro “os bens de natureza material”. Essas designações são formas de entregar aos saberes populares alguma característica ou distinção, procurando singularizá-las, distinguindo de outras culturas. Contudo, as culturas populares são muito diversificadas e diferenciadas com algumas variações em muitas delas, até mesmo podem ter diversas formas de papéis, funções e significados em regiões e/ou grupos distintos (IDEM).

A cultura é caracterizada pelo regionalismo, sendo possível identificar as variações regionais entre dança, música, gastronomia, modos de vestir, etc. Há dois aspectos relacionados à cultura de forma geral: os tangíveis (objetos ou símbolos que fazem parte do seu contexto) e os intangíveis (ideias, normas que regulam o comportamento, formas de religiosidade). Por meio deles se constrói a realidade social entre aqueles que a integram (SOUZA; LIMA, 2019).

O termo cultura possui duas denotações básicas: uma mais antiga, vinda da tradição grega, que apresenta a formação do homem enquanto atuante no mundo, como o único à procura do autoconhecimento e em estreita relação com as artes, ofícios e expressões sociais. Atualmente, esse termo significa um conjunto de tradições, técnicas, instituições e procedimentos que caracterizam um grupo humano: a cultura é compreendida e adquirida pelo indivíduo no meio social. Dessa forma, a cultura é uma palavra que se aplica tanto a uma comunidade desenvolvida do ponto de vista técnico ou econômico, como às formas de vida social mais rústicas e primitivas (RODRIGUES, 2017).

Segundo Geertz (1989), a cultura é pensada como sistema simbólico, claramente possível pelo isolamento histórico de grupos humanos, expressa as relações próprias da comunidade, passando por gerações, até se caracterizar por um sistema integrado de ações conjuntas, identificadas por sua ideologia, crenças, expressões, formas de ser e estar. Já Bourdieu (1989) sustenta a construção coletiva totalmente influenciada pela representação explícita e da expressão verbal (ALMEIDA; GUTIERREZ, 2004).

A cultura é um direito social do cidadão. Abrange o conhecimento, as artes, as crenças, a lei, a moral, os costumes, todos os hábitos e aptidões adquiridos pelo ser humano. Na cultura brasileira, temos várias manifestações distintas. Uma delas é o folclore regional (LARAIA, 2001).

Segundo Canclini (2015), há um argumento sobre o peso do tradicional no estudo das culturas populares, oferecendo pouco lugar às culturas populares urbanas, às modificações causadas pelas migrações, aos processos simbólicos, às massas de desempregados e subempregados que compõem o mercado informal. Além disso, destaca o debate para progredir na análise do hibridismo cultural, a mistura entre cultura erudita e cultura popular, de duas formas: a primeira, debatendo a noção contida nas ciências sociais, não podendo classificar ou rotular o culto e o popular; e a segunda, por meio de processos que podem esclarecer sobre esse hibridismo, rompendo as mesclas das coleções dos sistemas culturais, as conexões dos processos simbólicos e a expansão dos gêneros impuros.

Ainda se referindo a Canclini (2015), todas as culturas possuem formas próprias de organização e características que lhes são intrínsecas, devendo ser respeitadas. Na América Latina há a concepção de acabar com a dualidade formada a partir de campos de disciplinas segmentadas para atingir um processo único, abolindo as fronteiras entre massivo, popular e erudito. A combinação destes elementos o autor denomina “culturas híbridas”. Seria o rompimento e posterior mistura das diversas expressões que compõem originalmente os sistemas culturais, não sendo mais papel do erudito ou do massivo produzir algumas culturas, porém, envolver o que se produz atualmente no processo de globalização.

Nessa perspectiva, a cultura não diferencia classes sociais. As possibilidades das diversas misturas aumentam o processo de hibridação, fazendo surgir novas formas de identidade social. Sendo assim, Canclini (2015) procura explicar que para o processo de hibridação cultural acontecer, necessita-se de três razões: a queda dos grandes centros disseminadores de cultura, por meio de uma pluralidade de culturas, anulando o padrão antigo da sociedade; a disseminação de gêneros impuros tomando como exemplo os ritmos musicais, podemos perceber que diversos ritmos se misturaram com o tempo e se espalharam, criando novos ritmos; e a desterritorialização, que seria uma “saída” do “território”, ou seja, um processo que requer “naturalmente” uma reterritorialização, isto é, a “criação” de um outro novo território. Canclini (2015) diz que a desterritorialização foi um processo fundamental para que acontecesse o processo de globalização das culturas, pois, a partir daí elas se misturariam e ganhariam características, umas das outras, transformando-as em novas identidades culturais.

4 A MODERNIDADE E A REPRESENTAÇÃO DA DANÇA

Segundo a professora e escritora Arlete Sendra (2017), com as pesquisas do professor e escritor Orávio de Campos Soares (2004), surge o Núcleo Arte e Cultura de Campos (Cia. Gente de Teatro), fundado em dezembro de 1998 com apoio da Faculdade de Filosofia de Campos, antiga FAFIC, hoje UNIFLU, Universidade Fluminense. Hoje, conta com a direção da pedagoga e estudante de licenciatura em Teatro Neu-simar da Hora. O grupo exhibe diversos espetáculos que representam o folclore e as tradições afro-brasileiras, bem como a representação da Mana-Chica do Caboio.

A maioria dos integrantes do grupo são as mulheres da família “da Hora”, mantendo viva essa manifestação desde 1984, por meio da peça teatral “O auto do lavrador na volta do êxodo”, escrita pelo professor Orávio de Campos Soares, reproduzindo a história e a exploração canavieira. O texto “Mana-Chica do Caboio – Cantares à planície Goytacá” expressa essa dança e sua história típica da zona rural e da baixada campista.

Contendo passos característicos de uma quadrilha e com toques musicais vindos do Fado, essa dança tem um ritmo frenético e acelerado, com bater de palmas, sacudir de saias, círculos e giros, como nos velhos folguedos portugueses misturados as figuras e representações das danças africanas.

A sede do grupo fica no bairro Parque Leopoldina, no município de Campos dos Goytacazes - RJ, onde toda a família se reúne para ensaios e reuniões. As manifestações apresentadas pelo grupo são preservadas e passam de geração em geração como são transmitidas as tradições culturais, especialmente através da oralidade. Os movimentos das danças, bem como os textos e as músicas são assimilados durante os ensaios que acontecem na própria rua, de forma natural e lúdica, com adultas, adolescentes e crianças. Particularmente as crianças entram e saem dos ensaios como uma brincadeira, e copiam as falas e gestos das meninas maiores e mulheres do grupo, assimilando e aprendendo até poderem participar das apresentações junto com todo o grupo.

Por meio de pesquisas feitas por Soares (2004), Hora e Soares (2017) revelam que redescobriram as raízes da família da Hora que hoje é a única multiplicadora da representação simbólica da dança Mana-Chica do Caboio no município de Campos dos Goytacazes - RJ. Assim sendo, Hora e Soares (2017) afirmam que esta performance não deve deixar de existir, e torcem para que outras pessoas valorizem essa manifestação cultural que faz parte da cultura local e que deve ser preservada, principalmente sua representação característica por meio da dança (HORA; SOARES, 2017).

5 CONCLUSÃO

Após considerar os conceitos de cultura, mostrando as características da dança enquanto manifestação folclórica do município de Campos dos Goytacazes - RJ, a Mana-Chica do Caboio está diretamente ligada a valores sociais e históricos, instalando uma sociedade como algo que se constitui pelo reconhecimento às diversidades. As manifestações folclóricas estão inteiramente associadas as expressões orais, transmitidas através dos tempos, de geração em geração, revelando suas particularidades regionais.

Nesse sentido, a cultura popular nos proporciona uma imagem positiva em relação à dança da Mana-chica baseada nos laços da família, na história, na civilização e na origem dos povos, particularmente incluindo as etnias europeias, indígenas e africanas, reconhecendo-as e considerando-as como principais constituintes da cultura brasileira.

A cultura é algo que está em permanente processo de construção ao longo do tempo e envolve interações, percepções e avaliações de seus participantes e colaboradores. Assim, permitem que o folclore se eternize. Os estudos podem abrir fronteiras e responder a questões dos elementos de valores, crenças, hábitos e até mesmo como as pessoas se vestem em determinada manifestação.

Isto posto, firmamos assim a história de uma determinada época, por meio da manifestação de música e de dança, retratando a vida do povo do interior e suas especificidades, bem como suas características corporais, especialmente retratadas por meio da Mana-Chica do Caboio.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. A. B.; GUTIERREZ, G. L. Subsídios teóricos do conceito cultura para entender o lazer e suas Políticas Públicas. **Faculdade de Educação Física/UNICAMP**. 2004. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8637910/5601>. Acesso em: 22 maio 2020.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro, Bertrant Brasil, 1989.

CANCLINI, N. G. Culturas Híbridas - estratégias para entrar e sair da modernidade. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: **EDUSP**, p. 283-350: Culturas híbridas, poderes oblíquos. 2015. Disponível em: <http://www.cdrom.ufrgs.br/garcia/garcia.pdf>. Acesso em: 20 maio 2020.

CASCUDO, C. **Dicionário do folclore brasileiro**. 12 ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2012.

FRANCO, T. **A enchente**. São Paulo: Schmidt, 1937.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro, Guanabara.1989.

HORA, N.; SOARES, O. C. **Debate sobre o Jongo e a Mana-Chica do Caboio**. Mediação: Simone Teixeira. Festival Doces Palavras. EMUGLE, Campos dos Goytacazes, 22 set. 2017.

IPHAN – **INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL**. **Patrimônio Imaterial**. Bens registrados. 2017. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234>. Acesso em: 22 maio 2020.

_____. **Recomendação Paris**. Recomendação sobre a salvaguarda da cultura tradicional e popular. Conferência geral da UNESCO: Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura. 25ª reunião. 15 nov.1989. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Recomendacao%20Paris%201989.pdf> Acesso em: 22 maio 2020.

IKEDA, A. T. Culturas populares no presente: fomento, salvaguarda e devoração. São Paulo: **Unesp**. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v27n79/v27n79a13.pdf>. Acesso em: 20 maio 2020.

LAMEGO FILHO, A. **A Planície do Solar e da Senzala**. 2 ed. Rio de Janeiro: Arquivo público do estado do Rio de Janeiro/Imprensa oficial do estado do Rio de Janeiro. 1996.

LARAIA, R. B. **Cultura: um conceito antropológico**. 14.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

LEI ORGÂNICA DO MUNICÍPIO DE CAMPOS DOS GOYTACAZES. **Prefeitura Municipal de Campos dos Goytacazes**, RJ. 2014. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/lei-organica-campos-dos-goytacazes-rj>. Acesso em: 02 jun. 2020.

RIBEIRO, J. **Folclore do açúcar**. Rio de Janeiro, Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, 227 p. il., mús. Bibliografia. 1977.

RODRIGUES, L. O. **Cultura. Sociologia**. 2017. Disponível em: <http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/sociologia/conceito-cultura.htm>. Acesso em: 25 maio 2020.

SENDRA, A. **Entrevista concedida à Priscilla Gonçalves de Azevedo**. Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF. Campos dos Goytacazes. 05 jun. 2017.

SOARES, O. C. **Muata Calombo: Consciência e destruição**. Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro. Editora FAFIC. 2004.

SOUSA, J. L.; LIMA, L. N. M. Regionalismo e variação linguística: uma reflexão sobre a linguagem caipira nos causos de Geraldinho. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, n. 72, p. 63-82, abr. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rieb/n72/2316-901X-rieb-72-63.pdf> Acesso em: 02 jun. 2020.